

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Clara Barbosa Campos

Entre o Eu e o Outro: Reflexões sobre o Amor na Contemporaneidade

São Paulo

2024

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

Clara Barbosa Campos

Entre o Eu e o Outro: Reflexões sobre o Amor na Contemporaneidade

Trabalho de conclusão de curso apresentada à banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a Rosa Maria Tosta.

São Paulo

2024

AGRADECIMENTOS

Um trabalho de conclusão de curso não se faz sozinho. Assim, foi necessário muito tempo e conversas para esse poder ser articulado e escrito. De início, fica impossível não agradecer meus pais, João e Luciana, por todo ensino e investimento na minha educação, os quais me permitiram aprender, evoluir e me constituir.

Ademais, essa pesquisa não seria escrita sem as aventuras vividas e contadas pelos meus amigos, em especial: Roberta, Vitória e Henrique. Sem eles, o olhar para o outro e o entendimento das relações pós-modernas não teria sido o mesmo.

Por fim, nada seria deste trabalho sem os filmes e séries que me proporcionaram algo para além do entretenimento, por meio deles foi possível observar, contemplar e refletir sobre as possibilidades de ser no mundo.

RESUMO

CAMPOS, Clara Barbosa. **Entre o Eu e o Outro: Reflexões sobre o Amor na Contemporaneidade**. 2024. 32 fl. TCC (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Orientadora: Prof^a Rosa Maria Tosta.

A presente pesquisa visa introduzir uma reflexão teórico-conceitual sobre as relações afetivas e o amor na contemporaneidade, além da forma como os sujeitos se portam frente essa cultura individualista marcada pela Pós-Modernidade. Assim, é mediante uma pesquisa bibliográfica e revisão de conceitos teóricos que este trabalho é realizado, tomando como base autores da Psicanálise como Freud e Lacan e também a leitura de pós-freudianos. A fim de trazer aspectos contemporâneos, houve uma busca nas obras de sociólogos como Lipovetsky e Byung-Chul Han, sendo destacado a importância do Outro na formação do Eu e como, atualmente, a alteridade é frequentemente negligenciada em prol de uma autoimagem e autossuficiência. Ademais, a fim de ilustrar o objeto da pesquisa, foi analisado o filme argentino, "Medianeiras - Buenos Aires na Época do Amor Virtual" (2011), na qual é apresentada uma relação afetiva atravessada pela tecnologia e cultura dos dias atuais.

Palavras-chave: narcisismo; pós-modernidade; amor; individualidade.

ABSTRACT

CAMPOS, Clara Barbosa. **Entre o Eu e o Outro: Reflexões sobre o Amor na Contemporaneidade.** 2024. 32 fl. TCC (Graduação em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2024.

Teacher Conseling: Prof^a Rosa Maria Tosta.

This research aims to introduce a theoretical-conceptual reflection on love in contemporary society and how individuals behave in the face of this individualistic culture marked by Postmodernity. Thus, through extensive bibliographic research and review of theoretical concepts, this project is carried out, drawing on authors from Psychoanalysis such as Freud and Lacan, as well as post-Freudian readings. In order to bring contemporary aspects into focus, there was also a exploration of works by sociologists such as Lipovetsky and Byung-Chul Han, highlighting the importance of the Other in the formation of the Self and how, currently, alterity is often neglected in favor of a self-sufficient and self-image. Furthermore, to elucidate the research objective, the Argentinean film, "Sidewalls" (2011), was analyzed, presenting an affective relationship intertwined with technology and the culture of today.

Keywords: narcissism; postmodernity; love; individuality.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. OBJETIVO.....	10
3. MÉTODO.....	11
4. O QUE CONSTITUI UMA RELAÇÃO?	13
5. O NARCISISMO E A PÓS-MODERNIDADE	15
6. A INDIVIDUALIDADE NOS RELACIONAMENTO	20
7. “MEDIANERAS” NA ÉPOCA DA PÓS-MODERNIDADE.....	23
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
9. REFERÊNCIAS.....	29

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo feito de relações. Sejam essas voltadas para uma pessoa ou para um outro, independentemente do que, estamos cercados por interações constantes. Por toda a vida passamos por inúmeras relações diferentes umas das outras que contribuem para a construção do nosso Eu. Para entender melhor essa formação, em “O Eu e o Id” Freud teoriza sobre esse processo que ocorre durante toda a vida do indivíduo, porém é desenvolvido com maior intensidade na infância, momento o qual somos apresentados para o mundo. Assim, desde o início o indivíduo faz escolhas objetais e a partir da necessidade de abandonar essas, o Eu se forma. Dessa maneira, temos a “concepção de que o caráter do Eu é um precipitado dos investimentos objetais abandonados, de que contém a história dessas escolhas de objeto” (p.36).

A maneira como nos apresentamos para o mundo externo advém dos conteúdos do Ego, os quais, em parte, são conscientes. Com isso, temos que o que é mostrado para o outro é resultado dessas relações que já foram vivenciadas. Sendo assim, os indivíduos também são constituídos por suas experiências com outros sujeitos.

Além disso, nesse mesmo texto, Freud aponta para formação de um Ego que é sobretudo corporal, ele é uma projeção da superfície do corpo no psiquismo, o qual se dá a partir dos cuidados e toques dos cuidadores que delimitam as barreiras do Eu. Dessa forma, para nos constituirmos como sujeitos, também precisamos de um Outro que organiza o mundo externo do interno e introduz as leis e os aspectos socioculturais.

Análogo a isso, em seus textos, “Inibição, sintoma e angústia”; “O futuro de uma ilusão” e “O mal-estar na civilização”, Freud teoriza como desamparo é uma condição em que nos encontramos ao nascer, na qual há elevadas tensões pulsionais, em que sentimos um alto desprazer. O desamparo é essa desorganização pulsional, não simbolizada. Assim, o cuidador entra a fim de amparar a criança, organizando suas excitações e satisfazendo suas necessidades. Quando este não

está presente, o bebê retorna a sentir a angústia e o desprazer causados por esse estado.

Entendendo um pouco mais sobre a angústia, esta se apresenta como afeto que possui sensações fisiológicas e causa desprazer, estando presente desde o nascimento e “surgiu como reação a um estado de perigo, e agora é reproduzida sempre que um estado desses se apresenta” (Freud, 1926, p.55). Dessa maneira, a mãe tira o bebê dessa tensão psíquica elevada, colocando fim ao sentimento de angústia. Temos com isso que é um objeto externo ao sujeito que o satisfaz e o ampara. “Sem o Outro, pois, o infante não poderia sobreviver, mesmo no registro da ordem vital” (Birman, 2005, p.214). A condição de desamparo não é somente experienciada na infância, essa é inerente aos sujeitos, se prolongando por toda a vida, sendo necessária uma constante gestão do desamparo e por consequência, do mal-estar.

Dado isso, fica nítido como o Outro é imprescindível para a constituição psíquica dos indivíduos. Ademais, o sujeito faz parte de uma sociedade, participa de grupos, passa por escolas, empregos e constitui famílias, estando sempre envolvido em pluralidades. Apesar do convívio em coletivo ser constituinte e necessário, no atual período contemporâneo, a Pós-Modernidade, os indivíduos aparentam não “precisarem” desse Outro, com os interesses voltados para si mesmos, prezando somente pelo próprio bem-estar e mostrando uma indiferença com questões da sociedade (Vieira e Stengel, 2010).

Assim, Lasch em seu livro “A Cultura do Narcisismo” (1983) destrincha sobre as relações e aponta um dos motivos dos interesses estarem mais voltados para o individual como resultado de uma oposição ao passado e perda de senso histórico, o que se contrapõe ao vivido no período anterior, a Modernidade. Essa é demarcada pelas fortes e bem delimitadas organizações sociais, pelo uso da racionalidade e do indivíduo crítico. Dessa forma, a época da Pós-Modernidade fica caracterizada como vazia, incerta, faltante e narcisista. Como referência, Lasch (1983):

“A cultura do individualismo competitivo, o qual, em sua decadência, levou a lógica do individualismo ao extremo de uma guerra de tudo contra tudo, à busca da felicidade em um beco sem saída de uma preocupação narcisista com o eu.” (p.14)

A noção de “indivíduo” como temos hoje é relativamente recente quando comparada com a história da humanidade. A individualidade, tal como conhecemos, tem seus primórdios na passagem da época medieval para a modernidade, quando os valores da sociedade começaram a mudar. Atual visão do homem como o centro do universo, detentor de valores e ideais próprios, capaz de fazer escolhas e ter sua autonomia tem início com os princípios do iluminismo e entrada no mundo moderno (Garcia; Coutinho. 2004). Assim, a modernidade trouxe a razão para o homem, colocando de lado a supremacia da ordem religiosa e os autoritarismos governamentais.

Correlativamente a essa consolidação, o surgimento do capitalismo reforça os valores individuais através do liberalismo — sistema cunhado em princípios de propriedade privada, liberdade e mínima intervenção do estatal, proporcionando condições que permitam os sujeitos fazerem suas próprias escolhas (Rosário, 2019). Dessa maneira, os ideais deste sistema são disseminados para a política e economia, favorecendo um pensamento individualista.

Com isso, temos uma base histórica que permite o surgimento da Psicanálise e o estudo do inconsciente. Foi necessário a concepção do indivíduo, consolidado na modernidade, para Freud conseguir desenvolver sua teoria. No entanto, pode-se notar que o objeto de estudo desta vai para além do indivíduo. Ao fundar o conceito do inconsciente, Freud introduz o sujeito inconsciente, desmistificando, na época, a supremacia de um Eu que sabe tudo o que faz e é consciente de si. A Psicanálise coloca em questão a autonomia real que temos no mundo (Freud, 1930).

A partir disso, é inevitável questionar como se dá o posicionamento individual frente a um coletivo, o qual constrói as bases do indivíduo. Assim, para fins de recorte temático, a presente pesquisa visa entender como as relações afetivas se dão na atualidade, considerando que os valores individuais estão tão preponderantes. E, contrariamente a isso, os relacionamentos afetivos pressupõem o envolvimento com um outro.

Falar sobre relações amorosas é relatar sobre experiências que todos os indivíduos enfrentam ou já enfrentaram. O amor é motivo de inúmeros sentimentos, sensações e confusões que envolvem o sujeito, atravessando-o e o constituindo.

Desde a infância esse fenômeno é presente, mesmo que experienciado diferentemente pela vida adulta. O amor, como articula Lejarraga (2002), utilizando-se como base a teoria freudiana, é desenvolvido por apoio a partir do mamar. Essa ação não diz respeito apenas à satisfação de uma pulsão sexual e de uma necessidade orgânica, mas também ao chupar o peito da mãe, o bebê sente essa transmissão de cuidado do Outro que o completa e o tira do desamparo.

A vista disso, é relevante pontuar que a sociedade de hoje, posta como a “sociedade do narcisismo” — o narcisismo marca os tempos atuais tal qual a histeria marcava a época de Freud (Lazzarini, 2006) — é demarcada pela ênfase nos valores individuais, o que interfere na experiência que é amar. Esse caráter narcísico transborda para as relações amorosas, fazendo com que os afetos se tornem superficiais e efêmeros, terminando com a busca por um vínculo duradouro. Há uma predominância por relações hediondas vividas em meio ao tédio e a futilidade. (Lazzarini, 2006)

2. OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Esta pesquisa visa refletir, a partir de uma ótica psicanalítica, sobre o lugar do sujeito dentro de uma relação amorosa na contemporaneidade. Assim, busca-se focalizar como aparecem a individualidade e o narcisismo nas relações afetivas e as repercussões disso nas mesmas, levando em conta o cenário atual.

Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é explorar e compreender as novas formas de amor na contemporaneidade, destacando os impactos da Pós-Modernidade nas relações amorosas e interpessoais. É através da análise de teorias psicanalíticas, como as de Freud, e de obras contemporâneas, como as de Gilles Lipovetsky e Byung-Chul Han que é realizado esta reflexão.

Ademais, há uma tentativa de compreensão sobre as relações humanas, desde a infância e como essas influenciam a formação da identidade individual e o desenvolvimento do Eu, com destaque para a importância fundamental do Outro nesse processo. Também é avaliado como a tecnologia, especialmente a internet e as redes sociais moldam e refletem a solidão e a desconexão nas relações humanas.

Com isso, a presente pesquisa busca promover uma reflexão crítica sobre as expectativas, práticas e valores nas relações amorosas de hoje, buscando identificar os desafios para a construção de vínculos mais significativos e duradouros.

3. MÉTODO

A metodologia de pesquisa guia o pesquisador no modo como esse irá dispor o seu trabalho, isto é, ela auxilia no melhor caminho a ser trilhado conforme a finalidade do objetivo da pesquisa. É por meio de um conjunto de abordagens, ferramentas e técnicas que a metodologia encontra soluções embasadas para os questionamentos da pesquisa científica. (Rampazzo, 2002)

A fim de encontrar um caminho para o objetivo desta pesquisa, optou-se por um trabalho de reflexão teórica com uma perspectiva psicanalítica. A presente pesquisa é fundamentada por uma bibliografia de autores da psicanálise e sociologia contemporânea. Com isso, foi necessário ilustrar e caracterizar os valores cultivados na Pós-Modernidade, para o entendimento dos ideais presentes nos sujeitos neste período, além de compreender os mecanismos psíquicos subjacentes aos sujeitos da cultura deste período.

Ademais, foi contemplado o funcionamento das relações amorosas atuais, com um olhar a partir de sociólogos como Lipovetsky e Byung-Chul Han. Observou-se, através de suas análises, uma diminuição da importância do outro em uma relação e um engrandecimento do Eu. A fim de esclarecer e exemplificar essas teorias, foi abordado o filme “Medianeiras - Buenos Aires na época do Amor Virtual”, dirigido por Gustavo Taretto (2011), que oferece uma clareza quase didática dos relacionamentos na atualidade.

Para melhor organizar e elucidar a progressão dos capítulos, foi-se utilizado de uma lógica que busca uma maior compreensão das relações amorosas no contexto contemporâneo. Primeiramente, apresenta-se uma breve introdução sobre o amor e o desejo, elementos que movem todos nós. Em seguida, é dada uma contextualização da Pós-Modernidade e do narcisismo, sendo comentado como o capitalismo, sistema vigente nesta época, aliena e modifica nossas relações. A partir disso, foi necessário colocar esses traços da contemporaneidade nas relações pós-modernas e delimitar como esses influenciam na visão que temos do parceiro em uma conexão afetiva.

Por fim, a análise do filme “Medianeiras - Buenos Aires na época do Amor Virtual” foi efetuada a partir da interpretação da narrativa cinematográfica

conjuntamente com a construção de uma análise baseada na bibliografia escolhida para esta pesquisa. Possibilitando, assim, ilustrar de forma prática e visual as teorias discutidas, permitindo uma conexão mais concreta entre os conceitos teóricos e as experiências reais das relações amorosas na era digital.

4. O QUE CONSTITUI UMA RELAÇÃO?

Antes de aprofundar na relação entre a tipologia narcisista contemporânea e suas consequências no modo de se relacionar, é necessário, primeiramente, entender os componentes dos relacionamentos amorosos. Tomando como base a Psicanálise, o amor e o desejo são conceitos fundamentais para a existência de uma relação amorosa.

O amor é um fenômeno social, na medida em que é vivido por todos e ao mesmo tempo singular, em que cada um o vive de maneira única. Assim, é por esse permear o cotidiano que se faz tão importante entendê-lo. Uma pesquisa realizada por professores da universidade americana de Harvard (2015), com uma amostra de 2.500 universitários, mostrou fotos de seus amados aos participantes, enquanto realizavam exames ressonância magnética para observar quais partes do cérebro eram ativadas. Os resultados indicaram que as regiões cerebrais associadas à recompensa foram ativadas, produzindo respostas fisiológicas como, sudorese nas mãos, taquicardia, rosáceas e também elevação no nível de dopamina, conhecida como hormônio da felicidade e oxitocina, que provoca contentamento, calma e segurança, permitindo associar esses sentimentos com o parceiro.

Além desses sentimentos positivos que o amor traz, a pesquisa encontrou que o amor desativa algumas emoções negativas, como o medo e o julgamento. Dessa forma, temos que se envolver afetivamente com um outro traz sensações fisiológicas no corpo, mas para além disso, o que está envolvido psicologicamente quando se ama?

O amor e o desejo são elementos que estão presentes quando se refere a relações amorosas, ama-se e deseja-se o amado. Ana Suy, em seu livro "Amor, Desejo e Psicanálise" (2015) explora essa relação e tem em vista entender se o amor seria uma tentativa de resposta ao desejo. Com base em sua escrita, é possível entender as nuances entre esses termos e as bases das relações amorosas. O amor freudiano se caracteriza como sendo, por meio da fantasia e da idealização do objeto amoroso, a crença do indivíduo de reencontro com o seu objeto perdido da infância, levando o sujeito a ter um sentimento de completude que acarreta consequentemente em uma suposta suspensão da falta que esse objeto causa.

O desejo é fundado a partir da falta, uma vez que se deseja aquilo que não se tem. Essa falta diz respeito ao objeto perdido junto a perda de uma satisfação total com a entrada do indivíduo na linguagem. Dessa forma, o desejo nunca se satisfaz devido à inexistência de um objeto satisfatório, possibilitando apenas sempre uma satisfação parcial. São as escolhas libidinais de cada um que permitem com que haja a satisfação parcial do desejo, ou seja, a partir dos relacionamentos que os indivíduos conseguem satisfazer parcialmente seus desejos.

Na procura pelo objeto perdido o desejo desliza entre os objetos parciais, nunca sendo completamente satisfeito. Isso reflete na fluidez das relações atuais, nas quais os sujeitos não se encontram satisfeitos com seus relacionamentos e vão trocando de relação a todo instante, buscando se sentir completos. Porém, como objeto de desejo não é passível de ser encontrado, torna-se essa busca pela completude intangível. O indivíduo consome as pessoas como se fossem mercadoria para obter prazer sexual e as descarta quando entendem que não vão proporcionar a completude desejada (Han, 2012).

Dessa forma, o encontro amoroso é dado como um encontro faltoso em que ambas as partes são incompletas. A famosa frase de Lacan ([1960/61]1992, p. 41) “Amar é dar aquilo que não se tem a alguém que não o quer” revela as características deste encontro. O psicanalista francês fala sobre o reconhecimento da falta em si para poder amar. É preciso saber da incompletude em si para poder dar ao outro e receber em troca a falta que existe no outro (Suy, 2015). Assim, para a teoria lacaniana, amar é demandar e é também como dar, se dar como o objeto faltante para o outro (Fingermann, 2015).

Por fim, é possível observar que, enquanto o amor busca uma estabilidade do objeto amoroso, o desejo não consegue fazer o mesmo. Apesar de ambos serem frutos da falta, o amor busca preenchê-la enquanto o desejo a mantém.

5. O NARCISISMO E A PÓS-MODERNIDADE

Em “Mal-Estar na Civilização” (1930), Freud discute os possíveis caminhos para a felicidade, sendo essa caracterizada como aquilo que é prazeroso e satisfatório. Uma das possibilidades descritas pelo autor é a via do amor, entretanto, sabemos, como supracitado, que este nunca nos completa de fato — assim como nada nos completaria e nos deixaria “felizes para sempre”. Dessa maneira, os caminhos relatados pelo psicanalista não dizem respeito a uma felicidade plena, mas sim modos de lidar com o mal-estar, intrínseco a nós. Então, por que, mesmo reconhecendo essa incompletude que habita em nós, não paramos de buscar um par amoroso? É impossível uma felicidade duradoura, mas da mesma maneira não se abandona a busca por um dia a ter (Freud, 1930).

Nesta mesma obra, o psicanalista discorre sobre como a busca por um objeto amoroso é uma tentativa de reviver aquilo experienciado na infância com os cuidadores, isto é, procurar aquilo que encontramos primeiro, na relação edípica com os pais. Todavia, é necessário refletir que tipo de amor é esse que estamos buscando hoje em dia? Para onde esse caminho que, supostamente, atingiria a felicidade está nos levando?

Silva e Nascimento, em sua tese “O Amor Solitário no Mundo Virtual: Influências do Capitalismo nas Relações Afetivas Contemporâneas” propõem uma nova concepção de amor, diferentemente do amor romântico e o amor líquido, eles falam sobre o “amor solitário”. O primeiro se caracteriza pelo encontro do par romântico idealizado, a metade que completa, já aquele designado por Bauman é denominado pela sua superficialidade e fugacidade. O descrito pelos autores, envolve a criação e idealização do próprio sujeito para ele mesmo. Tendo assim:

“O amor solitário, portanto, seria essa forma de amar a si mesmo de tal forma que os vínculos amorosos passam a ser quase impossíveis, pois depende de outro que jamais existirá, uma vez que precisa refletir ao todo o reflexo do sujeito inicial.” (p.7)

É importante ressaltar que os tipos de relacionamento não são excludentes e nem únicos, porém, há fatores sociais, políticos, econômicos e culturais que corroboram para uma predominância de certo tipo dado cada época. Assim como referencia Lasch (1983):

“O narcisismo parece realisticamente representar a maneira de lutar em igualdade de condições com as tensões e ansiedades da vida moderna, e as condições sociais predominantes tendem, em consequência, a fazer aflorar os traços narcisistas presentes, em vários graus, em todos nós” (p.76).

Dessa forma, para compreender as relações amorosas e esse tipo de amor solitário propagado atualmente, é necessário entender o contexto que a sociedade está inserida, os valores e ideais que prega.

Sendo assim, fica inevitável não falar sobre o capitalismo, sistema predominante na Pós-Modernidade. Entender seu modo de ação e sua finalidade é compreender também a maneira como se dão as relações, uma vez que estamos inseridos e alienados a esse. Assim, Pereira e Paravidini dizem como “que o produto que o capitalismo quer vender, e vende, é um objeto posicionado ao nível do objeto a” (2022, p.320). Dessa forma, esse sistema visa colocar suas mercadorias como respostas aos desejos inconscientes, como essas sendo complementares aquilo que falta aos sujeitos. Isso implica em uma alienação ao sistema, na medida em que o sujeito, por meio das mercadorias, busca essas a fim de procurar esse objeto que tampona sua falta e melhore seu mal-estar. É por meio do suposto alcance do gozo que os indivíduos buscam a satisfação das pulsões ao adquirir os bens materiais (Pena, 2017).

Correlativamente, Lasch (1983), evidencia a maneira no qual o capitalismo usa e abusa das propagandas para instaurar uma sociedade do consumo. Assim, não se são vendidos apenas as qualidades e benefícios de um produto, mas este é dado como resposta para “os antigos dissabores da solidão, da doença, da fadiga, da insatisfação sexual” (p.102). O capitalismo dá aos sujeitos uma forma de gozar, de realização dos desejos, entretanto, esses nunca se dão por acabar, fazendo o sujeito continue a buscar por mais, consumindo. Temos assim que “o desejo é sempre aberto, é o que nos impulsiona a viver” (Tolipan, 2012, p.216). Por nunca pararmos de desejar, continuamos consumindo desenfreadamente, esperando um dia que esse desejo se dê por cessar.

Colocar as mercadorias ao nível de objeto a, objeto causa de desejo, é colocar essas como se fossem algo visível e atingível (Vieira, 2005). Tomando nota dos registros denominadas por Lacan de Imaginário, Simbólico e Real, entrelaçados em um nó borromeano que interliga os círculos fechados, deixando-os interdependentes,

Vieira destaca, levando como base a proposta do seminário de Miller, que atualmente o Simbólico e o Imaginário se encontram justapostos. Para entender isso, é necessária uma apreensão dessas instâncias. O Simbólico é caracterizado pela linguagem, abordando a fala e seus simbolismos, sendo os significados podendo ter nada a ver com o significante a que remete. Assim, a linguagem é singular e pode abarcar diversos sentidos para cada um. Já o Imaginário é a instância das imagens, em que tudo se fecha, tem sentido e dá contorno ao corpo, encarregado de montar as fantasias e fazer borda com o Real. O Real é o registro do não-sentido, ele não pode ser apreendido sem as outras duas instâncias (Vieira, 2009).

Após a introdução desses três registros, o que Vieira (2005) diz sobre a justaposição entre Imaginário e Simbólico na contemporaneidade é sobre como essas duas instâncias veem se apresentando como uma só, dessa forma se tem uma “imagem chapada” como se fosse real, dando a impressão que o objeto de desejo pode ser capturado e vendido nas lojas. Assim, por exemplo, o corpo perfeito, fantasiado nos pensamentos e tão requisitado nas redes sociais, pode ser adquirido por um certo valor.

As redes sociais pregam um papel importante na contemporaneidade, uma vez que estar *on-line* parece inevitável e as subjetividades das relações acabam por serem alteradas. Uma fala comum de usuários do “X”, também reconhecido como antigo “Twitter”, é “estar cronicamente *on-line*”, isto é, aqueles que entendem todas as referências devido ao tempo que passam nas redes. Dessa forma, não há como falar de relacionamentos e deixar de lado a Internet.

Luis Camargo, em seu texto publicado na “Revista Arteira”, chamado de “O Inconsciente, a Ordem Simbólica e a Tecnologia” (2011), fala sobre o afogamento do Simbólico a partir do avanço das tecnologias, indo além daquilo proposto por Vieira (2005). Falar sobre tecnologia é mostrar os avanços realizados pela ciência, apoiada pelos interesses do capital. A Internet é uma das vias simbólicas utilizadas pelo social, nela possui-se uma linguagem própria e um ordenamento de significantes característico dela. Com isso, tem-se uma máquina que pensa, pensa para o indivíduo. Apoiado a isso, o autor remete:

“A adoção da tecnologia pelos sujeitos implica na adoção das redes simbólicas exteriores a eles mesmos, constituídas pelos avanços da lógica

matemática aplicada ao desenvolvimento de linguagens artificiais.”
(Camargo, 2011, p.22)

A vida virtual acaba por afligir o cotidiano. Pereira e Paravidini (2022), fazem alusão a teoria lacaniana sobre a fantasia, a qual é montada a partir de uma cena entre o sujeito e o seu objeto de desejo. Assim, essa funciona como um modo de proteção do Real, na medida em que capturamos o Real a partir de uma tela realizada pela fantasia, nos tirando do desamparo desse registro. Com isso, citando Alvarez (2014), é apontado a analogia entre essa tela do Imaginário e as telas do mundo eletrônico, em que dispositivos funcionam como se fossem esse encontro do sujeito para com seu objeto de desejo, perdido na entrada do campo da linguagem, fazendo a função da fantasia. Assim, temos que “o *gadget* é a materialização da investida da ciência em tapar a perda de gozo inerente ao campo do Simbólico” (Pereira e Paravidini, 2022, p.314). A Internet é um lugar onde o não saber não se encaixa, tem-se resposta para todas as questões, da mesma maneira que não há espaço para a falta no registro do Imaginário.

Com essa maquinaria pensando pelos sujeitos e o capitalismo introduzindo suas mercadorias como satisfações das suas pulsões, permitindo que se gozem dessas, fica difícil não achar que não se tem todas as respostas na palma da mão. Por que precisaríamos de um outro alguém quando se tem tudo? Para entender um pouco mais sobre o fechamento dos sujeitos em si mesmos e esse “amor solitário”, é necessário entender o conceito de narcisismo.

Olhando para o narcisismo sob uma ótica psicanalítica, Freud, em “Introdução ao Narcisismo” (1914/1916), coloca esse como uma fase normal do desenvolvimento sexual. Sendo essa, concomitante ao autoerotismo, momento em que ainda não há um Eu formado e unificado, o bebê obtém prazer através da estimulação de zonas que trazem excitação e satisfação a criança e posteriormente organizam seu Ego. Nesse momento, toda a energia psíquica está no reservatório de libido no Id. Assim, é denominado narcisismo primário como fase a qual a libido está totalmente voltada para si e não há relações objetais. Freud designa esse estágio de “Majestade, o bebê”, em que há uma onipotência do indivíduo, com toda sua libido destinada a ele mesmo e também a dos cuidadores, que depositam seus sonhos e expectativas no bebê. Esse estado de plenitude é interrompido com as intercorrências do ambiente e de seus pais. A fim de sentir a satisfação de estar completo novamente, o indivíduo

vê-se na posição de fazer outras escolhas objetais, tirando sua libido do eu para um outro objeto.

É por meio da volta da libido para si, com a retirada dela do objeto, que Freud denominou de narcisismo secundário. Quando estamos falando de narcisismo nos dias atuais, é ao narcisismo secundário o qual remetemos. Dessa forma, temos uma sociedade em que desinveste dos objetos, esfera pública, para investir a libido em si, esfera privada (Lipovetsky, 1983).

O narcisismo pode ser, muitas vezes, pareado com o individualismo, entretanto, como evidência Lasch (1983), aquele busca por uma aprovação social, ele depende que os outros o vejam como tal para ter sua autoestima validada, “ele não consegue viver sem uma audiência que o admire” (1983, p.30). Já o individualismo diz respeito a um entendimento e exploração de si. Em concordância com isso, Lipovetsky (1983), coloca o narcisismo como uma “atualização” do individualismo, ligado a um individualismo total, em que se busca uma autorrealização de modo contínuo.

À vista disso, o individualismo contemporâneo e libertário se mostra além da liberdade individual, é a busca pela singularidade e insubstituibilidade, é a liberdade do corpo, busca pelo prazer sexual, sem constrangimentos ou amarras sociais (Garcia, 2004). Com isso, é inevitável refletir sobre como o capitalismo e essa cultura narcisista dos tempos atuais afeta os relacionamentos afetivos.

6. A INDIVIDUALIDADE NOS RELACIONAMENTO

Como previamente caracterizado, a Pós-Modernidade possui traços marcados por uma conduta narcisista, na qual há um desligamento dos indivíduos frente aos sistemas que envolvem o social como a política, cultura e religião, voltando toda a energia libidinal para um hiper-investimento no Eu (Lipovestky, 1983).

Em seu livro “A Era do Vazio”, o sociólogo francês discorre claramente esse fenômeno atual, no qual o outro na relação, seja essa amorosa ou não, desaparece. Em uma busca interminável de si, o indivíduo não busca mais aprovação ou compreensão daquilo, ou a que se relaciona. “O Eu é um Outro” (1983, p.57).

Antes de prosseguir, é necessário esclarecer o uso dos termos outro e grande Outro (A), utilizados nesta pesquisa. Quando referenciado aquele, é levado em conta um outro indivíduo, que possui subjetividade própria. Já ao utilizar o termo cunhado por Lacan, estamos dizendo sobre um lugar, uma posição a se ocupar, não uma pessoa. Dessa forma, o grande Outro fornece significantes para o sujeito, introduzindo leis e normas sociais e estando relacionado ao campo da linguagem. Quando Lacan afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ele sugere que existem certos significantes na cadeia que têm uma determinação a priori sobre cada um de nós, pois estamos alienados nos significantes do grande Outro. Este Outro estrutura o simbólico e, portanto, nos constitui. A validação e o reconhecimento pelos cuidadores, os quais são os primeiros a ocupar esse lugar de Outro, são fundamentais na formação do sujeito. Assim, ao referirmos ao grande Outro, estamos destacando esse papel crucial do Outro na constituição do sujeito.

Dado isso, o motivo dessa desconsideração pelo outro, conforme a obra de Lipovestky, é produto da chamada segunda fase do processo de personalização, na qual o autor discorre que o mundo se volta para uma particularização dos meios, em que tudo é personalizado para os indivíduos, mercadorias, movimentos sociais e experiências são marcadas como únicas. Há uma libertação de costumes e preconceitos permitindo que as pessoas busquem incansavelmente a si mesmos. Conhecer a si próprio, ser você mesmo, são características que voltam ao indivíduo um olhar e conhecimento de sua alteridade e marcam os tempos atuais. Não há

espaço para o desconhecimento, é necessário entender o que gosta e ter um conhecimento e estilo particular.

Apesar de, a princípio, essa valorização do Eu e busca constante por si não parecer nocivo, uma vez que o autoconhecimento traz frutos, o efeito causado na sociedade é de uma indiferença e apatia frente a essa. Há uma desconexão com o social e investimento na esfera privada, tornando tudo aquilo que outrora fizera sentido, as religiões, política, o exército um vazio. O sujeito é autosseduzido pelo seu próprio desejo, incapaz de enxergar além de si. Todos têm algo a dizer, mas não existe ninguém que escute. Fala-se para si mesmo. É isso que caracteriza o narcisismo (Lipovestky, 1983).

Assim, ao contrário daquilo prezado na Modernidade, os campos sociais se apresentam descobertos de investimento e a busca por um futuro “mágico” sucumbiu ao desejo do agora, do prazer imediato. O autor coreano Byung-Chul Han, em seu livro “Agonia do Eros” (2012) também conversa sobre essa questão, manifestando esse mesmo processo encontrado em Lipovestky. Há um desprendimento do olhar no outro, denominado como o “desaparecimento do outro”. Além disso, pontua sobre o caráter cada vez mais narcísico da sociedade, colocando como patologia desta a depressão. Nesse esquema, o indivíduo busca mergulhar em si mesmo, investindo exageradamente em sua própria subjetividade. Em contrapartida, a isso há Eros, referência ao deus do amor da mitologia grega, que possibilita uma saída de si e um olhar para a alteridade do outro. Dessa forma, o autor coloca o Eros como solução para essa enfermidade narcísica. “O Eros vence a depressão” (2012, p.12).

Adentrando as características desse estado “depressivo-narcisista” (2012, p.10), Han também comenta sobre o processo dado na era da Pós-Modernidade, no qual o outro não é mais visto pelo sujeito, sendo aquele uma percepção de uma própria extensão do eu. Desse modo, a alteridade do próximo se perde, sendo aproximado e igualado cada vez mais com o Eu. Assim, Han (2012):

“O sujeito narcísico, ao contrário, não consegue estabelecer claramente seus limites. Assim, desaparecem os limites entre ele e o outro. O mundo se lhe afigura como sombreamentos projetados de si mesmo. Ele não consegue perceber o outro em sua alteridade e reconhecer essa alteridade. Ele só encontra significação ali onde consegue reconhecer de algum modo a si mesmo. Vagueia aleatoriamente nas sombras de si mesmo até que se afoga em si mesmo.” (p.10)

O desaparecimento da distância entre o outro tem como uma das consequências os avanços das tecnologias atuais. Com as redes sociais, estar sempre conectado parece ser inevitável e ao invés disso gerar uma proximidade entre as pessoas, na verdade, acarreta uma falta de distanciamento. Essa eliminação da distância entre duas pessoas não permite que seja possível “experimentar o outro em sua alteridade” (Han, 2012, p.28), assim o relacionamento possui um caráter predominantemente individual, na qual as necessidades do outro não são vistas ou escutadas, sendo consideradas somente as preocupações e os prazeres individuais.

O amor é reduzido a um mero objeto de consumo, em que o objetivo é a obtenção de satisfação sexual, qualquer desconforto, negatividade que permeia as relações já são motivos de descarte. A partir do momento em que o outro não é visto e sua subjetividade não é considerada, as relações se tornam ainda mais fáceis de serem desprezadas.

7. “MEDIANERAS” NA ÉPOCA DA PÓS-MODERNIDADE

As relações amorosas podem ser contempladas por diversos meios, o cinema é um deles. Assim, a fim de esclarecer melhor essa interação contemporânea entre dois sujeitos, o filme dirigido pelo argentino Gustavo Taretto, “Medianeras - Buenos Aires na Era do Amor Virtual” (2011), traz à luz a vida de Martín (Javier Drolas) e Mariana (Pilar López de Ayala), dois metropolitanos que circulam entre os prédios da capital argentina.

A longa-metragem conta a história dos encontros e desencontros desses dois personagens em meio a arquitetura caótica de uma cidade grande e moderna. Martín é um web-designer fóbico com sintomas depressivos e Mariana, uma arquiteta com fobia de espaços apertados que trabalha montando vitrines. Ambos se sentem sozinhos no mundo, mesmo estando cercados por multidões.

Além disso, “Medianeras” também aborda a influência da arquitetura urbana na vida das pessoas e como os espaços físicos podem refletir e moldar as relações humanas. Os personagens vivem em apartamentos em prédios altos e muitas vezes se sentem isolados e desconectados de seus vizinhos e do ambiente ao seu redor.

O filme traz os desafios de encontrar conexão em um mundo marcado pela solidão e desconexão, entrelaçando o cotidiano e as relações com a arquitetura e a materialidade da cidade. Assim, utiliza-se do urbanismo caótico como uma metáfora para a fragmentação e a desordem das relações humanas na Pós-Modernidade. É paradoxal pensar que, em uma metrópole cheia de fios, cabos conectando toda a cidade e a internet facilitando a interação entre pessoas, isso acabe resultando no afastamento na vida real, assim, como destaca os protagonistas, “os afastando da vida” e “deixando cada um em seu lugar” (Taretto, 2011).

O cenário urbano é uma metáfora da sociedade que ali vive. O caos, incertezas, incongruências presentes nos edifícios e ruas da capital argentina, também são compartilhados por seus habitantes. Assim, em uma cena em *off*, narrada pelo protagonista, é mostrado como a cidade dá de costas para o rio, assim como para aquilo que produz subjetividade:

“Vista e clareza são promessas que poucas vezes se concretizam. O que esperar de uma cidade que dá as costas ao seu rio? É certeza que as

separações e os divórcios, esses males, exceto o suicídio, todos me acometem. A violência familiar, o excesso de canais a cabo, a falta de comunicação, a falta de desejo, a apatia, a depressão, os suicídios, as neuroses, os ataques de pânico, a obesidade, a tensão muscular, a insegurança, a hipocondria, o estresse e o sedentarismo são culpa dos arquitetos e incorporadores.” (Taretto, 2011).

A arquitetura urbana em “Medianeras” não apenas molda o cenário físico, mas também reflete a subjetividade dos seus habitantes. A cidade que “dá as costas ao rio” é uma metáfora para a desconexão com o que é essencial e natural na vida humana. Os problemas urbanos — violência, excesso de canais de comunicação, apatia, e sedentarismo — são apontados como consequências de uma arquitetura que desumaniza e isola.

No contexto das relações modernas, é abordado como a tecnologia, especialmente a internet e as redes sociais, afeta a forma como as pessoas se relacionam. Martin e Mariana são retratados como indivíduos que lutam para estabelecer conexões significativas em um mundo onde a tecnologia deveria facilitar a interação, mas acaba cada vez mais exacerbando a fragmentação e isolamento. A internet, em vez de unir, contribui para a solidão, permitindo relações superficiais que substituem o contato humano real. Eles buscam relacionamentos significativos, mas são frequentemente impedidos por barreiras físicas e emocionais.

Sendo assim, o diretor coloca a cidade como reflexo das alteridades que vivem ali, em meio ao mundo globalizado também há as relações que se conectam a esse mundo exterior caótico. Taretto, utiliza-se dos objetos inanimados para trazer essa dificuldade de se conectar com as multidões. Martin carrega sua mochila para onde quer que vá, dentro dela: uma câmera, Rivotril, remédios e um manual em caso de ataque de pânico. Objetos que lhe permitem se conectar com o lado de fora do seu apartamento, capturando a cidade, que o ameaça, mediante uma tela e produtos.

Mariana, por sua vez, interage com um manequim, conversando e até encenando uma relação sexual com ele. A relação da protagonista com o objeto inanimado reflete as suas dificuldades de se ter intimidade com um outro, na medida em que a encontramos buscando por afetos, mas continuando a voltar ao seu pequeno apartamento, lotado de objetos. O manequim possui um curioso simbolismo, ele tem um corpo humano, mas não se comunica. Pode-se fazer e falar o que quiser

e esse nunca responderá. Será que esse é o tipo de relação ideal na Pós-Modernidade? Essa relação ilustra a extensão do narcisismo pós-moderno: um “parceiro” que não responde, não desafia e nem possui alteridade, sendo apenas uma extensão de si, projetada. Um manequim que aceita tudo e não fala nada.

Dessa forma, os personagens representam essa luta pós-moderna para encontrar significado e conexão em um mundo cada vez mais individualista. Martín, por sua vez, utiliza-se de aplicativos de encontro para buscar um relacionamento amoroso. Essas plataformas, frequentemente, reforçam o fenômeno do narcisismo descrito por Lipovetsky (1983). Na internet, os indivíduos sustentam a imagem de serem autônomos, possuem diversos prazeres e passatempos, gostos únicos e saberes interessantes. Martín, em sua busca por uma parceira, encontra uma mulher, psicóloga, com uma descrição detalhada de tudo aquilo que é e consegue fazer. A moça em questão parece estar tão cheia de si que quando eles saem, não há espaço para o encontro, isto é, não há espaço para Martín. Dessa forma, a tentativa de estabelecer conexão resulta em encontros com indivíduos que estão mais preocupados com a autoimagem e autossatisfação do que a construção de uma relação mútua, não estando à procura de um outro e sim daquele que complementa sua fantasia narcísica.

Por fim, o questionamento de como se dão os relacionamentos amorosos perante o caos pós-moderno permeia durante toda a obra. As medianeras, que dão nome ao filme, são as partes laterais dos prédios que não possuem propósito, são apenas fachadas sem janelas, que separam o lado de dentro e o de fora dos edifícios. Assim, essas partes marcam a passagem do tempo, a história e as marcas do capitalismo com os *outdoores* estampados. Podemos fazer uma analogia das medianeras com a cultura do narcisismo, previamente comentada.

A Pós-Modernidade é marcada por esse vazio das relações, o capitalismo e pelo investimento em si, como delineia Lipovetsky (1983). Dessa mesma maneira, as medianeras são telas expostas na cidade e, ao mesmo tempo que são invisíveis, elas representam essa lacuna, vazio que permeia em nós. Assim, o desfecho do filme apresenta uma simbólica subversão das normas urbanas: Martín e Mariana abrem janelas em suas medianeras. Este ato de romper as barreiras arquitetônicas

representa uma tentativa de superar a fragmentação e a solidão da vida moderna, criando uma brecha para o encontro verdadeiro e significativo.

Com isso, temos um ato que permite a abertura da “caixa de sapato”, contra a opressão e modo de vida da contemporaneidade, fazendo um furo a esse discurso. É a partir disto que Martin e Mariana, abrem frestas para a luz e outras perspectivas entrarem, que ocasiona o encontro dos dois.

“Medianeras” é uma rica exploração das relações amorosas na Pós-Modernidade, ilustrando como a arquitetura urbana, a tecnologia e o narcisismo influenciam a maneira como os indivíduos se conectam — ou falham em se conectar — com os outros. O filme, ao abordar as dificuldades de encontrar intimidade e significado em um mundo fragmentado, ressoa com as análises teóricas de autores como Lipovetsky e Han, destacando a importância de reconhecer e valorizar a alteridade em busca de relações mais profundas e autênticas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito desta pesquisa era promover uma reflexão frente as novas formas de amor existentes no contemporâneo. Compreender essa cultura do narcisismo e as características do atual período contemporâneo é essencial para entender como nos relacionamos nos dias de hoje.

A análise das teorias de Freud e Lacan sobre a formação do Eu através das relações interpessoais destaca a importância fundamental do Outro na construção da identidade individual. Desde a infância, as interações com cuidadores e outras figuras influenciam o desenvolvimento do Eu, moldando não apenas as características conscientes, mas também as dinâmicas inconscientes. Mas afinal, por que precisaríamos entender o que está se passando quando temos uma relação afetiva com um outro alguém?

Compreender o fenômeno em que estamos imersos permite uma noção mais clara do que está acontecendo e auxilia na formação da nossa percepção daquilo. Dessa forma, apreender nossas relações possibilita também entender o que está se passando com o outro, na medida do possível. Conhecer o período e os valores presentes possibilita que fiquemos atentos às expectativas que o outro deposita e espera de uma relação.

Após a introdução dos aspectos que tangenciam o amor, temos um conflito. O Outro media nossas relações, nos constitui e nos ampara, porém, quando olhamos para as relações amorosas de hoje em dia, esse Outro se mostra desimportante. Mas o que isso causa em nós, como sociedade?

A aparência de autossuficiência que os tempos pós-modernos nos trazem, culminam em um mundo em que não se investe e não se ama o outro pela sua alteridade. Tudo está vazio. Isso se reflete nas relações amorosas, onde a busca por satisfação pessoal muitas vezes supera o compromisso com vínculos duradouros e significativos. A busca pela satisfação individual pode resultar em relacionamentos superficiais e fugazes, onde o vínculo emocional é muitas vezes sacrificado em prol do auto interesse.

Além disso, a desconexão com o social e o hiper-investimento na esfera privada intensificam essa problemática. A tendência a buscar satisfação imediata e o prazer efêmero contribui para a fragilidade dos laços afetivos. Assim, refletir sobre

essas questões nos convida a reconsiderar nossas expectativas e práticas nas relações, buscando formas mais genuínas e profundas de conexão com o outro.

O filme “Medianeras - Buenos Aires na Era do Amor Virtual” de Gustavo Taretto (2011), exemplifica a solidão e desconexão vivida por indivíduos em uma sociedade hiper conectada. A metáfora das medianeras, partes laterais dos prédios que separam e isolam, refletem a lacuna e o vazio das relações humanas contemporâneas. A abertura das janelas por parte dos protagonistas simboliza a necessidade de romper com as barreiras do discurso pós-moderno e buscar uma conexão mais autêntica com o outro.

Por fim, a compreensão das dinâmicas narcisistas e das influências do capitalismo nas relações contemporâneas é crucial para desenvolver um entendimento mais profundo das nossas interações amorosas. A valorização do outro, a construção de vínculos significativos e a busca por uma compreensão mútua podem ser caminhos para reverter a tendência ao isolamento e à superficialidade nas relações amorosas e auxílio para podermos lidar com o mal-estar.

9. REFERÊNCIAS

CAMARGO, Luis Francisco. O Inconsciente, a Ordem Simbólica e a Tecnologia. **Revista Arteira**, Santa Catarina, v. n.04, p. 18–23, 2011. Disponível em: <https://revistaarteira.com.br/images/pdf/Arteira-4.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2024.

CONTEMPORÂNEA: novos rumos, reiteradas questões. 2006. 194 f. **Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura) Universidade de Brasília**, Brasília, 2006.

FINGERMANN, Dominique. Amar Adentro. **Stylus Revista de Psicanálise**, Rio de Janeiro, n.30, p.103-110, 2015.

FREUD, Sigmund. **Inibição, Sintoma e Angústia, O Futuro de uma Ilusão e outros textos**. Companhia das Letras, Obras Completas. São Paulo, v.17, 2014.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao Narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Companhia das Letras, Obras Completas. São Paulo, v. 12, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização, novas conferências introdutórias e outros textos**. Companhia das Letras, Obras Completas. São Paulo, v.18, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Eu e o Id**. Companhia das Letras, Obras Completas. São Paulo, v.16, 2011.

GARCIA, Claudia Amorim; COUTINHO, Luciana Gageiro. Os novos rumos do: individualismo e o desamparo do sujeito contemporâneo. **Psyche**. São Paulo, v. 8, n.13, p.125-140, jun. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382004000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 abr. 2024.

HAN, Byung-Chul. (2012). **Agonia do Eros**. Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 2017.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: **Escritos Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 238-324.

LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Imago. Rio de Janeiro, 1983.

LAZZARINI, Eliana Rigotto. Emergência do Narcisismo na Cultura e na Clínica Psicanalítica Contemporânea: Novos Rumos, Reiteradas Questões. **Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de Brasília**. Brasília, 2006.

LEJARRAGA, Anna Lejarraga. Reflexões sobre a Distinção entre Amor e Sexualidade na Primeira Tópica Freudiana. SciELO, **Rev. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2002.

LIPOVESTSKY, Gilles. **A Era do Vazio**. Antropos, 1983.

SILVA, Allyson Darlan Moreira; DO NASCIMENTO, Kelvis Leandro. O Amor Solitário no Mundo Virtual: Influências do Capitalismo nas Relações Afetivas Contemporâneas. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 5–15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/16784>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PENA, Breno Ferreira. Desejo roubado: capitalismo contemporâneo e mais-de-gozar. **Reverso**, Belo Horizonte, v. 39, n. 74, p. 75-81, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 28 abr. 2024.

PEREIRA, Jacqueline Danielle; PARAVIDINI, João Luiz Leitão. Os aspectos caóticos do imaginário no contemporâneo: As redes sociais e a Queda Livre. **Psicol. clín.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p. 311-331, ago. 2022. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652022000200006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 24 abr. 2024.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. Edições Loyola, 2002.

ROSARIO, Angela Bucciano do. Individualismo contemporâneo e novos arranjos subjetivos na perspectiva da Psicanálise. **Analytica**, São João del Rei, v. 8, n. 14, p. 1-15, jun. 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-51972019000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 abr. 2024

SBRISSA, Luiza; ROSO, Adriane. Representações do Amor no Cinema: Abrindo as “Medianeras” na era das conexões. Athenea Digital. **Revista de Pensamiento e Investigación Social**, vol. 18, núm. 2, p. 2033, 2018.

SCHWARTZ, Richard; OLDS, Jacqueline. Love and the Brain. **Harvard Medical School Magazine**, [S. l.], 2015. Disponível em: <https://hms.harvard.edu/news-events/publications-archive/brain/love-brain>. Acesso em: 30 abr. 2024.

TARETTO, Gustavo. **Medianeras, Buenos Aires na era do amor virtual**. Argentina/Espanha/Alemanha: Rizoma/ Pandora/ Zarlek Producciones Imovision, 2011. 1 DVD

VIEIRA, Érico Douglas; STENGEL, Márcia. Os nós do individualismo e da conjugalidade na Pós-Modernidade. **Aletheia**, Canoas, n. 32, p. 147-160, ago. 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000200012&lng=pt&nrm=iso>.

VIEIRA, Marcos Andre. R.S.I: A trindade infernal de Jacques Lacan e a clínica psicanalítica. **Escola Brasileira de Psicanálise**: Seção Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.